



5658 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

?Todo o mundo vai aplaudir as bichas?: produção das diferenças e reconhecimento a partir das fanfarras escolares da fronteira Brasil-Bolívia

Tiago Duque - UFMS - PPGE CPAN - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“Todo o mundo vai aplaudir as bichas”: produção das diferenças e reconhecimento a partir das fanfarras escolares da fronteira Brasil-Bolívia

Resumo:

Este artigo analisa como a escola está inserida no processo de diferenciação e reconhecimento de homens jovens efeminados que participam das fanfarras na fronteira Brasil/Bolívia. Através de etnografia e entrevista semiestruturadas, a partir da perspectiva teórico metodológica pós-crítica, observou-se ensaios e apresentações das fanfarras escolares na cidade de Corumbá, entrevistou-se direção de escola, instrutor e componentes de diferentes fanfarras. A partir da compreensão de um regime de visibilidade que permite a cidade ser reconhecida por muitos como “sem preconceito”, o reconhecimento dos jovens efeminados é compreendido a partir do espaço de agenciamento da escola. O contexto fronteiriço de diferenciação identitária é levado em consideração na análise. Conclui-se que, entre outras coisas, a visibilidade e atuação dos efeminados na cidade se dá via um contexto de preconceito e violência contra as experiências de gêneros e sexualidades dissidentes, no entanto, a fanfarra, via a sua constituição de gênero e sexualidade, permite que efeminados se destaquem e ganhem reconhecimento nos termos inteligíveis locais, isto é, de maneira binária, ainda que dissidentes, sem pôr em risco a imagem da escola e o lugar de masculinidade dos demais membros da fanfarra.

Palavras Chaves: Fronteira, Gênero, Sexualidade, Escola, Reconhecimento

1. Introdução

Com um corpo franzino, alto e vestindo uma espécie de macacão preto, sapatilhas, levemente maquiado e com cabelos bem penteados, durante um final de tarde ensolarado e quente do Pantanal Sul-Mato-Grossense, ele, de forma coreografada, com um bastão, fazia movimentos acrobáticos como balizador em uma das fanfarras escolares durante o desfile pelas ruas históricas de Corumbá, em comemoração ao aniversário da cidade. As pessoas de diferentes idades, ocupando lugares dos dois lados da rua, algumas em pé, outras sentadas no meio-fio ou em suas cadeiras, acompanhavam com risos e aplausos, muitos aplausos, na sua maioria, voltados mais a ele do que a menina, sua dupla, outra baliza. Gritos revelavam que muitos torciam e esperavam pela sua performance.

O olhar do público se voltava, depois dele, para outros dois corpos igualmente efeminados, mas, localizados mais ao centro do grupo de alunos tocando os instrumentos. Dois tocadores de pratos, em meio às meninas que também tocavam esse instrumento, chamavam a atenção. De forma destacada, com uniformes esportivos iguais a dos demais membros da fanfarra, sejam eles garotos ou garotas, os efeminados dos pratos tinham adereços femininos na cabeça e maquiagem forte, nas cores da escola, com muito brilho, como a das meninas. Os demais meninos do grupo também dançavam. Eles eram a maioria, não estavam maquiados, não usavam adereço e ticavam outros instrumentos. O público assistia à passagem da fanfarra aplaudindo, algumas pessoas, seguiam caminhando pelo apertado espaço livre das calçadas, para poder ver por mais tempo os componentes. Muitos fotografavam ou filmavam a fanfarra da escola do seu bairro.

Nesse clima, não foi difícil compreender a afirmação de que “todo o mundo vai aplaudir as bichas”, escutada em um momento da etnografia realizada na cidade durante uma pesquisa maior que visa o estudo de normas e convenções sociais na fronteira Brasil-Bolívia, em especial, que evolue a temática de gênero, sexualidade e diferenças. Mas, segundo o trabalho de campo, nem todos os jovens presentes nas apresentações das fanfarras se identificam como “bichas”, ainda que possam ser entendidos publicamente como efeminados. Contudo, são lidos assim pelas pessoas da cidade. Por isso, nesse texto, não há diferenciação quando me referir aos interlocutores nesses dois termos. Explico ainda que “bicha”, assim como efeminado, em campo, apareceu associado também a travestis, e não apenas a gays. Esses termos são usados no contexto local como algo depreciativo, mas também como uma forma de parte dos próprios jovens se tratarem, respeitosamente, mostrando adotarem essas categorias como identitárias.

Nesse artigo, analisarei parte dos dados levantados durante o trabalho de campo da referida pesquisa (via etnografia e entrevista semiestruturada), em especial aqueles que podem ajudar a pensar nos processos de reconhecimento “das bichas” da região fronteiriça Brasil-Bolívia. O objetivo aqui é analisar como a escola está inserida no processo de diferenciação e reconhecimento de homens jovens efeminados que participam das fanfarras escolares na fronteira Brasil/Bolívia. As questões de gênero, sexualidade e educação, portanto, são centrais nessa reflexão.

A primeira informação encontrada no trabalho etnográfico que contextualiza essa análise é a de que a cidade não é preconceituosa. Considerando que etnografia, segundo Magnani (2009), é uma forma especial de operar a partir do contato com o universo daqueles que nos interessa estudar e, em vez de permanecer lá ou atestar a sua lógica de visão de mundo, devemos, após uma relação de troca, comparar nossas próprias teorias com as deles, “e assim tentar sair com

um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (2009, p. 135), interessa-me problematizar essa ideia de não preconceito. A importância disso está, entre outras coisas, em fazer-se perceber a forma que jovens efeminados criam estratégias de visibilidade em uma gramática cultural ainda preconceituosa em termos de gênero e sexualidade.

É recorrente o entendimento de que, em termos de diferenças, inclusive de gênero e sexualidade, em Corumbá “é tudo junto e misturado”, inclusive entre os próprios efeminados. Essa referida “mistura” entre efeminados e as demais pessoas da cidade, segundo os próprios interlocutores, se dá devido ao fato de os efeminados estarem envolvidos em diferentes eventos, que atraí o público local e os turistas, inclusive os bolivianos. São eles: os desfiles em comemoração à independência do Brasil e ao aniversário da cidade[1], além dos desfiles das escolas de samba durante o carnaval[2]. Eles também estão envolvidos/as no concurso de quadrilhas durante a festa do Banho de São João[3] e nas apresentações no Concurso de Bandas[4]/Fanfarras das escolas. Mas, há também aqueles que eles são responsáveis e são dirigidos especificamente à temática gay, como o Miss Gay, o Musa Gay do Carnaval[5] e o Amistoso da Diversidade[6].

Dessas atividades, muitas tem ligação direta com a realidade escolar, pois o espaço da escola e a sua forma de funcionamento são o que os tornam possíveis. Refiro-me a apresentação pública das fanfarras nos desfiles da cidade, o concurso das bandas/fanfarras das escolas e o das quadrilhas juninas. Assim, a escola é entendida aqui como o lugar da espacialização, nos termos de Rose (2009). Isto é, ela, a escola, nos permite tomar o ser humano inteligível nos termos de agenciamentos. “Por agenciamentos, quero significar a localização e o estabelecimento de conexões entre rotinas, hábitos e técnicas no interior de domínios específicos de ação e valor [...]” (Idem, p.51).

Do ponto de vista teórico-metodológico, essa análise se dará por meio das teorias pós-críticas. Segundo Meyer e Paraíso (2014), elas são fruto do efeito combinados daquilo que conhecemos como abordagens teóricas com o rótulo de “pós” (pós-estruturalismos; pós-modernismos; pós-colonialismos; pós-gênero e pós-feminismo), assim como de outras abordagens que fazem deslocamentos importantes em relação às teorias críticas (Multiculturalismo, Pensamento da Diferença, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Étnicos Raciais, Estudos Queer, entre outros). Por isso, aqui atentei-me rigorosamente na inventabilidade que esse referencial teórico-metodológico exige, afinal, “não temos qualquer grande narrativa ou método que nos prescreva como devemos proceder, não temos qualquer percurso seguro para fazer e nem um lugar aonde chegar” (MEYER E PARAÍSO, 2014, p. 43).

2. A cidade fronteiriça, o “Outro” e as fanfarras

Corumbá é tida como a Capital do Pantanal. Ela possui uma estimativa de 108.656 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015)[7], e está na região de outras três cidades, sendo Ladário a brasileira e as de Puerto Quijaro e Puerto Soárez as bolivianas. Nesse contexto fronteiriço, comumente, muitos brasileiros discriminam bolivianos, e esse tipo de relação acontece nas interações de diferentes ordens, tanto econômicas como mercadológicas (COSTA, 2013b), mas isso também ocorre no campo do desejo afetivo-sexual, ainda que existam muitos casos, especialmente entre as pessoas de classe social tida como mais baixa, de casamentos e constituição de famílias heterossexuais entre pessoas dessas duas nacionalidades (COSTA, 2013a; ESSELIN [et al], 2012).

Essa relação envolvendo a interação com bolivianos permeia o ambiente escolar. Mas, em um sentido mais amplo, diz muito sobre a relação da cidade com as diferenças, o que implica nas normas e convenções que constituem as fanfarras, em especial, com a presença dos efeminados. A visibilidade das interações desses jovens nas atividades da cidade, como já apontado, dá a entender a muitos interlocutores que a cidade é sem preconceito. No entanto, essa ideia produz um “Outro”, via a diferenciação, preconceituoso. Esse “Outro” são os bolivianos. Em diálogo com um dos efeminados da cidade, ele confirmou a ideia bastante presente entre alguns munícipes de que não haveria efeminados bolivianos na região: “Aqui nós fazemos fronteira com os índios, não há, não tem nada lá, só índios, roupas, coisa pra comprar mesmo”[8].

A frase “Lá não tem gay” também apareceu algumas vezes em campo. Com minha insistência em querer saber dos interlocutores brasileiros sobre o outro lado da fronteira, um disse-me em relação ao país vizinho: “Aqui na fronteira não tem gay não, nunca vi, só lá em Santa Cruz[9]”. “Fronteira” aqui aparece como em outro estudo, nomeando o lado do país vizinho (COSTA, 2013). É como se a fronteira tivesse apenas o lado do “Outro”. Portanto, certa invisibilidade estratégica caracteriza parte do discurso sobre o “Outro” quando se trata de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas.

Utilizo “estratégica” aqui no sentido do que esta invisibilidade possibilita, nos termos da produção de diferenças, não necessariamente consciente e calculada, mas como altamente produtora de significados nos contextos das relações de poder local. Por exemplo, a questão de existir “só índios”, de “não ter nada lá”, de ter gays somente em Santa Cruz é lida como se os vizinhos bolivianos da fronteira fossem preconceituosos, neste caso, em termos das práticas de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas. A ideia de que bolivianos são preconceituosos é um contraponto identitário em um contexto de valorização de uma identidade nacional “não preconceituosa”, corumbaense, brasileira.

Nesse sentido, a visibilidade de “bichas” nas apresentações públicas das fanfarras na cidade, como em outros eventos já citados, compõe uma lógica local de que os brasileiros são “melhores”, em termos de relação com as diferenças de gênero e sexualidade, que os moradores do outro lado da fronteira. Assim, mesmo sendo esse caso uma questão de identidades nacionais, generificadas e sexualizadas, “as identidades podem funcionar ao longo de toda a sua história como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade de excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto” (HALL, 2000, p. 110).

Foi em contato com homens efeminados bolivianos, moradores das cidades fronteiriças no país vizinho, que comecei a desconfiar das afirmações de parte dos interlocutores brasileiros sobre esse “Outro”, entendendo-as então, a partir da produção da diferença, isto é, a diferença como sendo um processo contínuo no interior da vida social e se estabelecendo na relação com o outro (VENCATO, 2014). Essa produção compõe um regime de visibilidade para/com as “bichas” brasileiras nos termos de Miskolci (2014), isto é, como aquilo que “traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana” (Idem, p.62).

Essas relações de poder, em termos identitários, alocam, por vezes, o “outro lado” da fronteira como sendo depreciativo. Assim, no que se refere a essa visibilidade, como aponta Passamani (2018), é preciso reconhecer também que a noção de regime de visibilidade implica compreender que existe uma série de códigos e valores que se impõem como uma espécie de gramática às pessoas envolvidas, nas maneiras como elas podem parecer visíveis em relação à orientação sexual e à identidade de gênero. Dito de outro modo, negociar com estes regimes de visibilidade exige a produção de uma série de estratégias de gestão desta visibilidade que envolve, por exemplo, a participação nas fanfarras, e, mais que isso, o modo de participação nas fanfarras.

As estratégias, nesse caso, partem de uma cidade fronteiriça, que, por ser na fronteira, não apenas está em um contexto

de produção de um “Outro” desvalorizado, mas assim também é entendida se olhada por “Outros” não fronteiriços, afinal, “a fronteira em seu sentido mais comum está ligada ao preconceito por sua condução de margem, portanto, marginal a uma noção, decorrentes de questões históricas e políticas” (Oliveira e Campos, 2012, p. 17). Dito de outro modo, não no processo de diferenciar-se, mas no de ser diferenciada, Corumbá, por ser fronteiriça, “é um local no qual se pode assimilar a negatividade, atribuída por diversos fatores como o ilícito, a clandestinidade, a miscigenação, entre outros” (Idem, p. 17).

Por isso, valorizar determinadas características como positivas, como a “mistura” e o “não preconceito”, ganham importâncias identitárias nesse processo de diferenciação bastante estratégicas. Ainda que, na realidade, o regime de visibilidade que envolvem as “bichas”, logo, as fanfarras, exista em um contexto onde o trabalho de campo mostrou que, diferente do olhar “nativo”, parte da cidade é preconceituosa e violenta com travestis e outros/as efeminados/as. Por exemplo, no próprio cartaz do amistoso de futebol, que chamava a população para ir assistir e torcer para um dos times em campo, lê-se: “A festa da alegria contra o preconceito”. Algumas manchetes também denunciavam esse clima de violência na cidade: “Travesti de 29 anos é assassinado com facada no pescoço”^[10], “Após assumir namoro com travesti, homem é agredido no centro de Corumbá”^[11], “Parada da Cidadania e Show da Diversidade reforçam combate à homofobia”^[12], entre outras.

3. A escola, as fanfarras e “as bichas”

Entrei na escola no início da noite, em um bairro distante do centro da cidade, a procura do ensaio da fanfarra. O funcionário que estava na entrada me indicou o caminho da quadra. Lá, haviam adolescentes, familiares e outros jovens conversando antes do ensaio começar. Muitos estavam com os seus instrumentos, outros já haviam sido deixados arrumados na quadra. Sentei próximo e observei que os efeminados, e algumas poucas meninas, ensaiam alguns movimentos. Eu, naquele momento, já desconfiava da explicação dada por alguns interlocutores de que os efeminados escolhiam o prato por ele ser leve e por favorecer uma coreografia que mexia mais com as mãos e com o corpo durante as apresentações, afinal, havia outros instrumentos mais leves tocados por não efeminados e, como descrevi no início desse texto, todos os componentes da banda dançam durante a apresentação.

Na quadra, a interação entre efeminados e demais membros da fanfarra era feita sem nenhum problema ou aparente dificuldade, o que reforça algo que também já tinha escutado em campo: “na fanfarra todo mundo se respeita”. Sobre a relação que é estabelecida nos ensaios e apresentações das fanfarras, um instrutor disse que escuta dos componentes: “Aqui é legal, é todo o mundo junto”. Prossegue explicando que “é tipo assim, aqueles passarinhos que procuram um lugar pra ficar”, que a falta de atividades na cidade para a juventude, faz com que eles frequentem por diversão, afinal, ninguém é obrigado a participar da fanfarra na escola, inclusive, muitos componentes não são estudantes mas compõe as fanfarras, caso contrário não teria pessoas suficientes. Normalmente as fanfarras têm aproximadamente cinquenta componentes.

A importância da fanfarra para os estudantes é reconhecida por outros interlocutores. Um deles contou que não precisou dizer aos familiares que era homossexual porque a família descobriu quando ele resolveu tocar prato na fanfarra da escola. Ele mesmo me contou que tomou essa decisão como uma forma de “assumir-se” como gay. A escolha tem relação com a forma que a cidade reconhece quem compõe as fanfarras, afinal, segundo ele, “assumir-se” via a fanfarra foi um modo de ser valorizado, uma estratégia de ser reconhecido devido o próprio status que elas têm na cidade. Isso corrobora a afirmação de Brah (2006) sobre a diferença, quando autora a toma como não sendo sempre um marcador de hierarquia e opressão, isto é, necessariamente depreciativo. Segundo ela, “é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política” (Idem, p. 374).

No entanto, segundo um dos interlocutores, que há algum tempo coreografava as balizas de uma das fanfarras da cidade, a família dele não poderia descobrir que ele era o coreógrafo, pois não sabiam de sua homossexualidade. Ele criou uma estratégia de ensaiar às escondidas, avisando a direção da escola que essa opção era para que a apresentação das balizas fosse uma surpresa para o público, quando, na verdade, ele buscava se proteger de reações preconceituosas por parte de seus parentes.

Nesse sentido, outra opinião, por parte de um dos interlocutores que não participa das fanfarras, é a de que, na verdade, “as bichas” são palhaças da sociedade. Em outros eventos, também é comum ver o público rindo dos efeminados. No entanto, esse riso, para a maior parte deles, nem sempre é de deboche ou desrespeito. Sendo assim, reconheço a ambivalência (os múltiplos sentidos) do riso na contemporaneidade, como, de certa forma, todos os intelectuais do século XX que se dedicaram a estudar o humor/o riso fizeram (MINOIS, 2003).

Mas, toda essa visibilidade é também mediada por interesses institucionais. Segundo um dos instrutores da cidade, a escola onde trabalha, não o autorizou colocar efeminados na comissão de frente da fanfarra, carregando uma das bandeiras (na comissão de frente, parte dos integrantes levam as bandeiras da cidade, do estado e do país), nem mesmo foi autorizado a colocar um efeminado como baliza porque, na visão da direção, “não iria pegar bem para a escola”.

Há certas “proibições” que partem também dos jovens mais másculos, como conta um instrutor quando perguntado sobre o fato de um efeminado não ser aceito tocando os instrumentos tidos como “mais másculos”, mesmo esses jovens não efeminados dançando de forma coreografada: “E que é mais animado sem extrapolar muito. Se não, assim, em um modo mais preconceituoso, porque se não acaba, assim, queimando assim, manchando assim, na parte da sincronia deles entendeu?”.

Esse processo de diferenciação entre, por exemplo, efeminados e másculos na fanfarra, seus instrumentos e distintas coreografias, tidas pelo instrutor como muito ou pouco “animadas”, tem relação com o processo de articulação, com a saturação e sobreposição próprios da produção das diferenças que, segundo Hall (2000), obedece a lógica do mais-que-um, isto é, “ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” (Idem, p. 106).

Não por acaso, em contraposição, para tocar prato, não pode ser másculo. Afinal, segundo um componente e coreógrafo de uma das fanfarras, por mais que seja um homem tocando prato,

ele tem que conseguir essa delicadeza, assim como as meninas tem pra trocar prato. Então, de qualquer forma, a todo custo, ele tem que ter pra ele essa delicadeza, pra fazer evoluções com o prato, pra fazer coreografia também, pra poder dançar durante a apresentação, então o homem tem que ter essa delicadeza e muito mais

que as meninas. [...] Porque assim, o homem... a menina tem delicadeza e pra ela já é fácil, mas, pro homem é difícil pra ele ter essa delicadeza. [...] Eu digo muito mais porque ele vai querer fazer mais que as meninas, ou seja, pra mostrar pra eles que nós homens podemos sim ser delicado tanto quanto as meninas em relação a banda, em relação a balizador.

Considerando isso, nem tudo é autorizado em relação a participação “das bichas” nas fanfarras escolares, ainda que sem elas, as escolas não ganhariam destaque com as apresentações, pois, além de coreógrafa, tocar prato ou ser balizador, elas também são comumente responsáveis para criar um uniforme, fazer a maquiagem e os adereços de cabelos para elas e as meninas. Sobre a participação de efeminados na escola, se referindo a eles como “as homossexuais”, um instrutor, durante a entrevista, explica:

Ela [a homossexual] que quer ser a coreógrafa, elas que querem ajudar o próximo, tanto que as meninas, as meninas dependem delas. Tanto que há uma disputa entre as componentes homossexuais de uma escola com a outra. É bom porque cada uma quer fazer o melhor. [...] Elas que são as coreógrafas das bandas. Elas que dão ideia, elas que ensinam. É uma mistura que, como homem tem força de vontade de fazer e como mulheres elas querem mostrar, fazer acontecer. Eu não tenho nada contra. Porque eles são bem assim ativos, querem mostrar mais, isso é bom.

A justificativa dele é dada por uma interpretação de que os efeminados tem características masculinas e femininas, sendo esse o motivo pelo qual se explicaria o destaque dos mesmos como componentes das fanfarras escolares, afinal, são uma “mistura”: a “força de vontade” do homem e a necessidade de “se mostrar” das mulheres, de “fazer acontecer”. Uma das diretoras, também em relação aos efeminados, afirma: “Essas pessoas tem muitas habilidades [...]. Habilidades na dança... habilidades artísticas. E acho mais que tudo, são pessoas de olhar mais humano, de uma sensibilidade muito maior”.

Aqui, em vez de investir nessa ideia binária de “mistura”, ou no essencialismo da compreensão sobre os efeminados como tendo “uma sensibilidade muito maior”, busco outras possibilidades de compreender o processo de participação deles nas fanfarras que, no processo de produção das diferenças, gera o reconhecimento local, citando dados levantados durante a entrevista com essa diretora de escola. Ao contar-me sobre como ocorrem os ensaios, ela afirma não saber exatamente porque os efeminados preferem os pratos. Mas, ao ser questionada sobre o motivo dos jovens mais másculos preferirem outros instrumentos, ela lembra que, no caso dos instrumentos de percussão, eles chegam na escola sabendo, porque não se tem tempo hábil para aprender a tocar na escola. Segundo ela: “São os meninos que participam do terreiro, que frequentam o terreiro. Então, são pelas habilidades”. Ela se refere aos espaços de culto das religiões de matriz africana. Sabe-se que, nessas religiões, há práticas em relação ao toque dos instrumentos diferenciadas para homens e mulheres.

Além disso, segundo dados do campo, a maioria dos jovens homens das fanfarras tocam nas escolas de samba da cidade, o que contribui para que eles já cheguem na fanfarra sabendo tocar alguns instrumentos. Estes, másculos, certamente já convivem com efeminados nos contextos das escolas de samba e das religiões de matriz africana, inclusive, com “bichas” em posição hierárquica na organização desses espaços maior do que a deles. Esse convívio com a diferença em termos de gênero e sexualidade, portanto, não inicia na escola. Contudo, mesmo como esse clima de “respeito”, em entrevista, um dos instrutores afirmou: “Todas as fanfarras tem assumidos”. Mas, quando perguntado sobre os não assumidos, disse: “Os não assumidos não tocam prato”. Mostra, portanto, a existência de um regime de visibilidade, como tenho aqui discutido.

4. Sobre diferenças e reconhecimento - a título de conclusão

“É tudo pela imagem”. Foi com essa frase que um instrutor justificou o porquê de escolas não aceitarem “bichas” em destaque na comissão de frente, seja levando uma das bandeiras, o escudo com a identificação da escola ou como balizador. Segundo ele,

As pessoas julgam: ‘ah, só travesti. Aquela banda lá, só travesti’. Acho que nenhum diretor de colégio gostaria de ser conhecido como uma escola assim: ‘Ah, aqui a comissão de frente é só de travestis, só gays na comissão de frente’. Aqui em Corumbá as pessoas falam, falam. É cidade pequena, o pessoal conhece todo o mundo, todo o mundo. Eu acho que é por isso, por causa da imagem, o dia que quebrar o preconceito vai ser bom, quando a diretora falar assim: ‘ta liberado’.

A imagem da escola, nos termos apresentados aqui, é bastante contextual. Afinal, durante o desfile de rua, no aniversário da cidade, as escolas são mais flexíveis, inclusive, toleram homens efeminados como balizador. Mas, não apenas os ensaios se intensificam, as regras de visibilidade que envolvem “as bichas” também mudam quando se aproxima a apresentação competitiva, no concurso. Mas, seja como for, é a comissão de frente que parece receber mais controle no que se refere a presença das “bichas”, pois, segundo um dos interlocutores, “a comissão de frente é o coração do colégio. É a imagem do colégio, é a impressão que fica. Se você tem uma comissão de frente perfeita, pode ter certeza que a sua escola terá uma banda perfeita”. Um balizador entrevistado disse o mesmo, contou que a direção tem medo de perder ponto no concurso, então, diferente das apresentações nas ruas, para a competição, vai evitar autorizar que homens participem como balizadores. Segundo ele, o seu papel, sendo ele homem ou mulher, “é dar um encantamento, uma magia a mais na banda, na percussão e apresentar o que ele sabe fazer de melhor pra conquistar algo para a escola ou mesmo para a fanfarra”.

Isso foi corroborado por um dos instrutores que, sobre a direção da escola, contou: “o diretor sempre quer uma banda ou fanfarra do colégio para divulgar o colégio”. Por isso, é preciso compreender que a escola, como um espaço de agenciamento (ROSE, 2009), vai ter suas regras sob as quais os efeminados terão que agir. Os custos dessas negociações, garante o reconhecimento, afinal, o reconhecimento é algo que se dá necessariamente por um caminho comum entre histórias singulares, e esse caminho o coloca em circulação (BUTLER, 2007). Isso porque “o reconhecimento é uma relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o outro, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade”

(BUTLER, 2010, p. 168), isto é, como já dito em relação ao agenciamento, “domínios específicos de ação e valor” (ROSE, 2009, p. 51).

A experiência de campo em que o reconhecimento de um balizador pode ser observado de forma mais radical foi durante um dos concursos de bandas/fanfarras que assisti. De todas as muitas apresentações do dia, apenas uma escola teve um homem como balizador. Ele chamou tanto a atenção do público que recebeu o prêmio de melhor baliza naquele ano (a premiação não é dividida por gênero, deixando assim, na sua categoria etária, as meninas sem o prêmio). Em um ginásio de esportes coberto, faltavam lugares para todas as pessoas. Aplausos, gritos e incentivos vinham dos dois lados da arquibancada durante a sua apresentação. Não aconteceu o mesmo, na mesma intensidade, em nenhum outro momento quando a baliza era uma mulher. Mas, depois, soube que ele se apresentou porque precisou substituir uma menina que não comparecer se apresentar, que a escola não tinha planejado a sua apresentação enquanto balizador.

Há, portanto, nos termos de Butler (2003), um “quadro de inteligibilidade” de gênero nesse contexto que aloca determinados homens em lugares fora de uma esperada “matriz de indelebilidade” que, em última instância, pela diferenciação, produz aquelas e aqueles tidos como humanos. Isto é, o efeminado, ou a “bicha”, em termos de gênero e sexualidade estão fora das expectativas em relação ao gênero e desejo sexual esperado pelo “sexo” que lhes foi assignado no nascimento. Afinal, não seriam másculos e nem heterossexuais, o que corresponderia ao fato de serem classificados como homens no nascimento. O efeito da existência dessa matriz é um conjunto de pessoas fora da sua inteligibilidade. Dito de outro modo,

As imagens corporais que não se encaixam em nenhum dos gêneros tidos como em oposição, masculino e feminino, ficam fora do humano, a rigor, constituem o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece (Idem, p. 162).

Entretanto, nesse caso das fanfarras escolares, é possível compreender que, mesmo a ameaça da abjeção estando presente, ou, a partir da sua existência, a interação no espaço de agenciamento que é a escola, produz uma diferenciação ainda marcada por binarismos, que, conseqüentemente, não torna “as bichas” abjetos nos termos aqui discutidos. Afinal, entendo que o abjeto “relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (Idem, 2002, p. 161). Seria o que está fora da constituição de quem é inteligível, no sentido de um exterior constitutivo (Idem, 2003).

Os instrumentos muito bem demarcados em termos de gênero e sexualidade, a autorização ou não para ser balizador e os aplausos, por exemplo, são sinais de que no contexto das apresentações das fanfarras escolares, cheio de preconceitos, mas comumente avaliado como não preconceituoso, essas “bichas” ganham reconhecimento, isto é, são compreendidas como humanos porque não ameaçam a matriz de inteligibilidade, ainda que, via certa forma de se tornar risíveis, alguns a identificam como “palhaças”.

Portanto, nesse contexto fronteiro, nem todos que fogem à matriz butleriana, vivem necessariamente experiências de abjeção. Dito de outro modo, não “queimam”, “não mancham” nem a imagem da escola, nem a masculinidade dos demais jovens da fanfarra. Não “pegam mal”, pois são, muitas vezes, como balizadores ou tocando pratos, “bichas” femininas como ou mais que as próprias mulheres. Há, portanto, uma dissidência autorizada, que escapa da matriz aqui discutida, que é tida como um diferencial fronteiro, que faz com que o “Outro” seja visto como inferior, mas não coloca em risco o “quadro de inteligibilidade”, pelo contrário, o fortalece.

Essa crítica não diminui a importância desse espaço de agenciamento (ROSE, 2009), que é a escola. Uma diretora, durante a entrevista, explica a importância das fanfarras para os estudantes:

Essas crianças existem aqui dentro, elas são enxergadas aqui dentro, porque aonde elas vivem, a maioria pelo menos, eu não digo todas, tá? Porque tem famílias maravilhosas, mas a maioria subestima muito um adolescente, subestima muito uma criança, subestima muito o próprio homossexual. Aqui eles existem. Aqui, além deles existirem, eles fazem parte de um movimento, dessa estrutura toda. Sem essas crianças, sem esses adolescentes, isso aqui não existe. Isso não vive.

Assim, o espaço da escola, nesse caso, como produtor de diferenças, via a diferenciação em termos de gênero e sexualidade, que implica também em uma diferenciação de nacionalidade, tem relação com os processos de reconhecimento da própria instituição escolar, que, sem “as bichas”, e demais estudantes, “não vive”.

Além disso, o interesse na competitividade entre as escolas, via o concurso de fanfarra, também legitima esse uso estratégico da fanfarra, isto é, do seu papel no regime de visibilidade, não apenas pelas “bichas”, mas pela própria direção das escolas. Mais do que pensar em uma crítica necessária contra o preconceito, seja diante de um “Outro” boliviano ou das próprias “bichas” brasileiras, é preciso entender os diferentes agenciamentos, em especial, naquilo que eles têm a nos ensinar para pensar a forma como, via a escola, efeminados fronteiros fogem da abjeção e são aplaudidos.

5. Referências Bibliográficas

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, 26, 2006. p. 329-376

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Em entrevista para Baukje Prins e Irene Costera Meijer. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis. v.10, n.1, 2002. p. 155-167.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Condição humana contra “natureza”. Diálogo com Adriana Cavarero. In: *Revista Estudos Feministas*. vol.15, n.3, 2007. p. 650-662.

BUTLER, Judith. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a Patrícia Porchat

Pereira da Silva Kunudsen. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.18, n.1, 2010. p. 161-170.

COSTA, Edgar Aparecido da. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. In: *Revista Transporte y Territorio*/9, 2013. p. 65-86.

COSTA, Gustavo Vilela L. da. O muro invisível – A nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 25, n. 2, 2013a. p. 141-156.

COSTA, Gustavo Vilela L. da. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. In: *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013b. p. 467-489.

ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. *Fronteiras esquecidas: a construção da hegemonia nas fronteiras entre os Rios Paraguai e Paraná*. Dourados: Editora da UFGD, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz. Tadeu (org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul./dez. 2009. p. 129-156.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Mrlucy Alves. Metodologias de Pesquisas pós-críticas ou Sobre como Fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Mrlucy Alves (Orgs). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.p. 17-24.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. In: *Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades*, vol.8, nº11, 2014. p. 51-78

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; CAMPOS, Davi Lopes. Migrantes e fronteira: lógicas subversivas, vidas referidas. In: PEREIRA, Jacira Helena do Valle; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (orgs.). *Migração e integração: resultados de pesquisa em Mato Grosso do Sul*. Dourados: Editora UFGD, 2012. pp. 17-37.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *Batalha de Confete: envelhecimento, condutas homossexuais e regime de visibilidade no pantanal-MS*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ROSE, Nikolas. A governamentalidade e a história da escola moderna: outras conexões investigativas. In: *Educação & Realidade*, n. 34, v. 2, 2009. p 97-117.

VENCATO, Ana Paula. Diferenças na Escola. In: MISKOLCI, Richard & LEITE JUNIOR, Jorge . *Diferenças na educação: outros aprendizados*. Ed. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, 2014. p. 19-56.

[1] Nesses desfiles, um em 07 de setembro, outro em 21 de setembro, há também apresentações de militares, mas, em especial no aniversário da cidade, as escolas apresentam suas fanfarras em meio a outros grupos e organizações de instituições públicas, privadas, sociedade civil e movimentos sociais.

[2] O carnaval é o maior evento da cidade, inclusive de importância econômica destacada no estado.

[3] A festa do Banho de São João envolve atividades religiosas e festivas, incluindo shows e o concurso de quadrilhas juninas, montadas e ensaiadas nas escolas da cidade.

[4] A diferença entre bandas e fanfarras, segundo um instrutor de fanfarra de uma das escolas da cidade, é que a banda exige que os componentes estudem música, inclusive, que leiam partituras. Já as fanfarras não parte do estudo de música para a sua composição ou existência. Nas escolas públicas da cidade, pelas observações do trabalho de campo, o que se tem em Corumbá são fanfarras. O referido concurso atrai um grande público e é, segundo os interlocutores, o momento mais esperado pelos componentes.

[5] O Miss e o Musa Gay são realizados por diferentes lideranças gays ou travestis da cidade, atraindo público não gay de diferentes estratos sociais. Como já ouvi em campo, são eventos feitos por gays, mas não para gays.

[6] O amistoso é uma partida de futebol entre dois times formados por “bichas”, as moradoras de Corumbá contra as moradoras de Ladário. Comumente realizado em um domingo a tarde com grande presença de moradores das duas cidades.

[7] Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500320&idtema=130&search=mato-grosso-do-sul|corumbajestimativa-da-populacao-2015->. Acesso em: 05 nov. 2018.

[8] Sobre o imaginário da fronteira por moradores jovens de Corumbá, Costa (2013) desenvolve um estudo que aponta para dados duais em relação à fronteira (leia-se “a cidade vizinha”), isto é, ainda que suja, desorganizada, perigosa, feia, também um espaço para compras, lazer e trocas culturais.

[9] Santa Cruz, na Bolívia, está distante aproximadamente 400 km de Corumbá. Durante uma rápida visita, pude perceber que além de organizações da sociedade civil e do movimento social da diversidade sexual, nesta cidade também há sauna e boate voltada ao público gay. Esses estabelecimentos não existem na região da fronteira, em nenhum dos dois lados.

[10] Disponível em: <http://www.correiodoestado.com.br/noticias/travesti-de-29-anos-e-assassinado-com-facada-no-pescoco/193917/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

[11] Disponível em: <http://www.capitalnews.com.br/policia/apos-assumir-namoro-com-travesti-homem-e-agredido-no-centro-de-corumba/277439>. Acesso em: 10 jun. 2017.

[12] Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=97198>. Acesso em: 05 nov. 2018